



ACÇÃO SOCIALISTA

MÁRIO SOARES
90 ANOS



**CONFERÊNCIA PARLAMENTAR
DA ALIANÇA PROGRESSISTA** P15



FOTO: JORGE FERREIRA

XX CONGRESSO NACIONAL

PS MAIS FORTE E UNIDO

ANTÓNIO COSTA PEDE MAIORIA ABSOLUTA



FOTO: JORGE FERREIRA

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

Costa pede maioria absoluta

António Costa apontou como objetivo a obtenção de “uma maioria absoluta” nas legislativas de 2015, no discurso de encerramento do XX Congresso marcado por uma forte componente social, centrado nos problemas das pessoas, críticas arrasadoras à governação da direita e apelos aos partidos mais à esquerda para que deixem a “postura cómoda” do protesto e venham trabalhar para a solução. **J. C. CASTELO BRANCO**

NO ENCERRAMENTO do XX Congresso do PS, António Costa pediu uma maioria absoluta, salientando que “à crise económica não podemos acrescentar a incerteza do destino político”. Mas, frisou, “uma maioria não é condição suficiente para a ação governativa”. E, por isso, deve ser “aberta a acordos de concertação social e a compromissos sólidos e duradouros”.

No entanto, o líder do PS rejeitou liminarmente qualquer entendimento com a direita, quaisquer que sejam os protagonistas, sublinhando que “não é possível ser alternativa às atuais políticas com quem quer precisamente prosseguir as atuais políticas”, frisando que essa recusa “não é um problema de nomes” dos protagonistas,

mas “um problema de políticas”. “O problema não é um problema de nomes. O meu filho chama-se mesmo Pedro, é um nome de que eu gosto. Não é uma questão de ser Pedro ou Rui, ser Francisco ou ser José. É uma questão de políticas”, disse.

Por outro lado, António Costa afirmou que os socialistas recusam “o conceito de arco da governação” e “não excluem os partidos à sua esquerda da responsabilidade que têm de fazer parte da solução dos problemas”.

Dirigindo-se ao PCP e BE, o secretário-geral afirmou: “Não contarão com o PS para vos ajudar a manterem-se na posição cómoda de ficarem só pelo protesto e não virem também trabalhar para a solução”.

António Costa que centrou grande parte do seu discurso nas pessoas e nas questões sociais, não deixou de criticar veementemente o “radicalismo ideológico da direita” que levou o Governo e a maioria a chumbar propostas socialistas de alteração ao Orçamento do Estado, como, por exemplo, o prolongamento do subsídio social de desemprego por seis meses, para introduzir uma cláusula de salvaguarda para limitar o aumento do IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis) a 75 euros, ou para impedir despejos de famílias por dívidas.

Pobreza infantil é inaceitável

Segundo frisou o secretário-geral do PS, “são as histórias de vida

como as daqueles que sofrem com o brutal desemprego de longa duração, que os priva de receber o subsídio social de desemprego”, que a política tem de dar atenção e colocar no primeiro lugar.

“Mas a atual maioria rejeitou a prorrogação do prazo proposto pelo PS para o subsídio social de desemprego, para que esses desempregados não fossem deixados ao deus dará. A atual maioria prefere deixá-los ao deus dará do que cumprir a obrigação solidária que todos temos numa sociedade decente”, disse.

Na sua intervenção, António Costa falou ainda da pobreza infantil e jovem, uma das suas bandeiras, que faz sempre questão de apontar como uma prioridade quando o PS for chamado de novo a

governar.

“Um terço da população com menos de 18 anos está em risco de pobreza”, disse, salientando que este “não é só um drama de hoje, mas também um drama de amanhã, porque significa gerar uma nova geração de pobreza e cortar de raiz a oportunidade de uma criança de poder realizar o seu sonho de desenvolvimento. Isto é inaceitável numa sociedade que se pretende decente”.

Devolver a esperança aos portugueses

O líder do PS reiterou que “a vida são pessoas e a política tem a ver com a solução dos problemas das pessoas”, defendendo que “o valor mais importante é a dignidade humana, valor sobre o qual a Europa



“A vida são pessoas e a política tem a ver com a resolução do problema das pessoas”

“Um terço da população com menos de 18 anos está em risco de pobreza. Isto é insustentável numa sociedade que se pretende decente”

“A direita cortou a esperança aos portugueses”

se ergueu no final da II Guerra Mundial”.

António Costa sublinhou ainda que “pior que os cortes nos salários, nas pensões, na educação, na saúde, foi o corte que a direita na esperança de cada portu-

guês no futuro”. Por isso, reiterou, a tarefa do PS é “devolver a esperança aos portugueses”, focando a sua ação “em Portugal e nos problemas dos portugueses”. O secretário-geral salientou ainda que o PS sai deste Congresso

“mais forte, mais vivo, mais unido” e com “uma visão estratégia clara de desenvolvimento assente na importância dos nossos recursos, na aposta na qualificação das pessoas e na valorização do nosso território”. ■

UMA FAMÍLIA ÀS DIREITAS

António Costa teceu duras críticas à “ideia única de família” da direita, referindo que também nesta matéria existe um “fosso civilizacional” entre o PS e a atual maioria. “Aquilo que queremos apoiar são as crianças, o que está em causa é o apoio as crianças, não é a ideia que cada um tem de família”, sublinhou. “Já vai longe o tempo em que o Estado se podia permitir impor uma ideia única de família, como se a escolha e a constituição de família não fosse um ato de liberdade e de amor de cada um de nós, em que o Estado não tem que se intrometer”, afirmou o líder socialista no encerramento do XX Congresso.

Segundo salientou António Costa, em várias matérias e não só na “estratégia económica” há “um fosso ideológico, cultural” e “até civilizacional”.

“Esses exemplos encontramos-los até em alguns aspetos que podem parecer a muitos como pormenores, mas que são essenciais e marcam toda a diferença: uma direita que entende o valor de um filho no quociente familiar varia em função da natureza da família, como se uma criança que tenha a felicidade de viver com pai e mãe, valha mais do que uma criança que vive com o pai ou com a mãe, ou porque faleceram ou porque se divorciaram seja uma criança de menor valor”, disse. **J.C.C.B.**

SONHO VIRA PESADELO

O secretário-geral do PS afirmou que “o sonho da direita” de ter maioria, Governo e Presidente revelou-se nestes três anos “um pesadelo” para os portugueses. Por isso, frisou, os socialistas estão “totalmente disponíveis para contribuir para uma candidatura saída das fileiras do PS, ou da área do PS”. Falando na sessão de encerramento do XX Congresso Nacional do PS, António Cos-

ta sublinhou que os socialistas estão “disponíveis em contribuir para a eleição de um Presidente da República com um perfil que renove o orgulho que todos tivemos nas presidências de Mário Soares e Jorge Sampaio”.

Os antigos presidentes da República Mário Soares e Jorge Sampaio ouviram estas palavras de António Costa sentados na primeira fila de honra do congresso. **J.C.C.B.**



EDITORIAL UM CICLO DE CONFIANÇA

EDITE ESTRELA

“ Ao contrário do que muitos vaticinaram, o PS saiu deste Congresso mais forte e unido e preparado para mobilizar Portugal, apresentar uma alternativa política e derrotar a direita que tem imposto tantos sacrifícios inúteis aos portugueses

Esta edição do “Acção Socialista” é especial. Não por ser a última de 2014 nem por ser a primeira sob a minha direção. É especial porque tem como tema central o XX Congresso Nacional em que se debateram e aprovaram a *Moção de orientação política* e a *Agenda para a Década* e que abre um novo ciclo na vida do PS. Um ciclo de Confiança. Temos um novo secretário-geral, António Costa, o líder de que o PS precisava e em quem os portugueses confiam. A sua vasta experiência, grande competência e os bons resultados da sua governação são reconhecidos pelos próprios adversários que, por muito o temerem, muito o atacam. Acresce que António Costa é o primeiro líder partidário com uma legitimidade reforçada em eleições primárias pelo voto de milhares e milhares de portugueses. Temos um novo presidente, Carlos César, político de reconhecido mérito e que deixou uma marca indelével da boa governação socialista à frente do Governo da Região Autónoma dos Açores. E temos novos órgãos nacionais, eleitos em listas de unidade.

Ao contrário do que muitos vaticinaram, o PS saiu deste Congresso mais forte e unido e preparado para mobilizar Portugal, apresentar uma alternativa política e derrotar a direita que tem imposto tantos sacrifícios inúteis aos portugueses. Sacrifícios desproporcionados e injustamente distribuídos. Por causa do défice e da dívida, o Governo aumentou brutalmente a carga fiscal e reduziu drasticamente os rendimentos das famílias. O resultado está à vista. Os portugueses estão mais pobres, mas o défice e a dívida, em vez de diminuírem, continuaram a crescer.

Nesta edição também destacamos dois momentos singulares da nossa reunião magna. Os congressistas tiveram o privilégio de ouvir ao vivo o cante alentejano, recentemente classificado Património da Humanidade pela Unesco. E prestaram homenagem às mulheres vítimas de violência doméstica. Em comovido silêncio, ouvimos a atriz Maria do Céu Guerra nomear as 34 mulheres mortas entre janeiro e novembro deste ano. Foi mais uma forma de chamar a atenção para o grave problema da violência doméstica que urge combater por todas as formas.

A última página é dedicada à comemoração do 90º aniversário de Mário Soares, figura ímpar da nossa Democracia, a quem agradecemos o que fez pelo PS e por Portugal. E de quem gostamos muito. Obrigada, camarada.

“Não há bons começos”, adverte George Steiner. A generalização não me conforta nem me convence, mas sou obrigada a reconhecer que não é um “bom começo” estar adoentada no preciso momento em que inicio as minhas funções de diretora desta publicação. É a vida! Em breve espero dar o meu melhor para corresponder à confiança que o secretário-geral em mim depositou.

Resta-me desejar a todas e a todos um feliz Natal. ■

SAMPAIO DA NÓVOA É tempo de mudar Portugal

"António Costa tem consigo as ideias e as causas que podem abrir um tempo novo em Portugal", afirmou o ex-reitor da Universidade de Lisboa António Sampaio da Nóvoa, sublinhando que "são as lutas fortes que nos fazem fortes". **J. C. CASTELO BRANCO**



FOTO: CLARA AZEVEDO

NUMA das intervenções mais aplaudidas pelos congressistas, Sampaio da Nóvoa, um dos independentes convidados a falar neste Congresso Nacional, afirmou que "precisamos de ideias para uma vida nova, que tem de valorizar o trabalho e não o capitalismo sem regras", acrescentando que para "romper o ciclo fatal da desesperança precisamos de agrupar todas as energias de esperança".

Referindo que "quem sente não consente, não se resigna perante as desigualdades, a po-

breza e políticas que tornam os portugueses cada vez mais dependentes e, por isso, menos livres", o professor universitário defendeu que "é tempo de abrir um tempo novo para Portugal e para os portugueses", mas "sempre, mas sempre, a partir da liberdade de Abril, que não é vazia, que é compromisso, justiça social".

Nova política em Portugal e na Europa

Sampaio da Nóvoa, que discursou sempre com um cravo vermelho na mão, disse ainda que

é preciso uma nova política em Portugal, mas também na Europa. "Não aceito esta Europa que já não é de iguais, com uma zona euro para favorecer a Ale-

manha. É tempo de mudar a Europa e este é também o nosso combate", disse.

No seu discurso, Sampaio da Nóvoa defendeu que "a mudan-

ça terá de ser radical, no sentido mais nobre do termo", ou seja, explicou, "ir às raízes e as nossas raízes comuns estão em Abril, na liberdade, uma liberdade cheia, uma liberdade de direitos".

O ex-reitor da Universidade de Lisboa disse que "António Costa tem consigo as ideias e as causas que permitem abrir um tempo novo" no país. "Estou aqui porque é o tempo de mudar Portugal", frisou, acrescentando: "Não quero ver a minha pátria parada à beira de um rio triste". ■



DE CRAVO NA MÃO

A política também é feita de gestos e simbolismo. E porque os valores de Abril devem estar cada vez mais presentes nas políticas e nos gestos, Sampaio da Nóvoa firme nas suas convicções progressistas fez questão de discursar sempre com a flor da nossa liberdade na mão.



FOTO: JORGE FERREIRA

CARLOS CÉSAR Manter a juventude desta alternativa

J. C. CASTELO BRANCO

O NOVO PRESIDENTE do PS, Carlos César, pediu uma "maioria absoluta" nas legislativas de 2015, porque, sublinhou, "a alternativa só pode ficar consolidada com uma grande vitória". Uma intervenção marcada ainda por fortes críticas à política de austeridade, transformada em "pensamento único" pela direita, e aos dois mandatos de Cavaco Silva.

Em Belém, defendeu, é preciso que volte a morar "um Presidente de todos os portugueses". Um Presidente, frisou, "que reabilite na vida política e institucional portuguesa a perceção perdida nos últimos dois mandatos de que em Belém deve morar um Presidente de todos os portugueses".

Para Carlos César, "é fundamental que o próximo Presidente entenda o valor da inovação e da mudança, confira àquele alto cargo o sentido da sua legitimidade e do seu exercício apartidários, que lhe devolva a capacidade de interlocução, a sensibilidade e um magistério

mais ativo nas matérias mais relevantes para a vida nacional".

Um candidato a PM que nos honra

O antigo presidente do Governo Regional dos Açores saudou também o novo secretário-geral do PS, António Costa, sustentando que a sua vitória em eleições primárias o tornou "depositário da esperança" dos socialistas, mas também da maioria dos cidadãos "numa mudança, num caminho novo, num Portugal diferente".

"É para isso que nos unimos e mobilizamos e dizemos, sem hesitações, que temos um candidato a primeiro-ministro que nos honra e teremos um primeiro-ministro que acredita em Portugal e honra a confiança dos portugueses", acrescentou. Carlos César sublinhou a necessidade de o PS obter a maioria absoluta nas próximas eleições legislativas, porque, explicou "o estabelecimento de compromissos interpartidários para a governabilidade tem grandes

fragilidades no nosso país. No PCP e no BE, temos a esquerda que só tem sido útil à direita e, no Governo PP-PSD, temos partidos a mais e democracia cristã e social-democracia a menos". Na sua intervenção, o presidente do PS desmontou e arrasou o discurso e a prática da direita, lembrando que "a situação de crise que atingiu o país, agravada pela desgovernação dos últimos três anos, teve origens predominantemente externas, nomeadamente europeias, porque deixou que a crise dos sistemas financeiros se transformasse em crise económica e social".

Segundo Carlos César, "o país é mal governado, por um governo que está insolvente", que durante três anos fustigou os portugueses com uma política de "austeridade insensível".

Por isso, frisou, "compete-nos fazer a diferença sob a liderança de António Costa", acrescentando que "o nosso desafio é manter a juventude desta alternativa". ■

Este é o primeiro dia da derrota da direita

Na sua intervenção ao XX Congresso, Manuel Alegre comparou António Costa a Mário Soares, apelando à história do PS, “um baluarte da democracia”.



FOTO: CLARA AZEVEDO

ALEGRE recordou o que esteve em causa há 40 anos, quando o PS se confrontou, no primeiro Congresso na legalidade, na Aula Magna, em Lisboa, com dois projetos: de um lado, os que queriam o PS a reboque das forças políticas e militares que pretendiam instaurar em Portugal uma democracia de tipo popular, “como aquelas que existiram no leste europeu”, e, do outro lado, aqueles que “como eu e muitos defendiam a liderança de Mário Soares e um combate para preservar o curso democrático da revolução do 25 de Abril”.

“Nós vencemos o Congresso e, com isso, garantimos a autonomia estratégica do PS e, sob a liderança de Mário Soares, vencemos a batalha da democracia,

na rua e nas urnas”.

Hoje, disse o ex-candidato à Presidência da República e ex-vice-presidente da Assembleia da República, o “risco é outro: é o domínio e a hegemonia da lógica neoliberal sobre a Europa, sobre os Estados e sobre a democracia”, é a política que pretende “libertar a economia da intervenção e regulação do Estado e colocar o poder do mercado acima do próprio poder do Estado”. Hoje, prosseguiu, a “ameaça” é o poder absoluto e incontrolado dos mercados, que em Portugal tem o Governo como principal instrumento, mas também “os empregados e capatazes da troika, que veio aqui ditar as suas leis e impor a política de austeridade”.

António Costa, como há 40 anos Mário Soares, defendeu ainda, saberá preservar a autonomia estratégica do PS, resistir às pressões não permitindo que o partido se transforme numa muleta da direita ou no terceiro partido da democracia portuguesa.

A solução, vaticinou, passa por lutar “sem complexos e sem tibiezas” por uma maioria absoluta, o que deverá levar o PS a encetar conversações para um “pacto progressista” chamando “todas as forças de esquerda e todos os que acreditam na doutrina social da Igreja”.

O PS, defendeu, tem o “dever patriótico de estar à altura da sua história e reconstruir o essencial do seu património, que

“Não estamos ensombrados e não temos medo de fantasmas, mas somos também um partido que é um baluarte da democracia, do Estado Social e do Estado de Direito”

não é só a liberdade, mas os direitos sociais e sobretudo a igualdade”.

Sem se referir diretamente ao nome do antigo primeiro-ministro, lembrou que o PS “é um partido livre, fraterno e sem medo e que não muda as fotografias”.

“Não estamos ensombrados e não temos medo de fantasmas, mas somos também um partido que é um baluarte da democracia, do Estado Social e do Estado de Direito, cuja construção se confunde com a própria história do PS”.

Perante um forte aplauso do Congresso, Manuel Alegre garantiu que ser “este o primeiro dia da derrota da direita em Portugal”. ■ **R.S.A.**



FOTO: CLARA AZEVEDO

Em política não vale tudo

O líder parlamentar do PS apelou à união do partido e à necessidade de construção de uma política alternativa e sustentada para o país.

QUEM defende uma aproximação entre socialistas e PSD, disse Ferro Rodrigues, está a “favorecer o fenómeno do populismo”, condenando o “vale tudo em política”.

Quanto à nova liderança socialista, elogiou a coragem de

António Costa em querer ser primeiro-ministro na atual situação “grave” que o país atravessa, reclamando uma alternativa à política de austeridade que tem conduzido o país à desgraça.

Defendeu que a Agenda da Dé-

cada apresentada pela nova direção do PS não é igual à agenda da austeridade e que a “deriva populista” não será derrotada com uma lógica de “nos colarmos à direita”, achando que os “mais próximos de nós são os partidos da maioria”.

Tem de haver uma alternativa à política de austeridade, “que tem conduzido o país à miséria”, disse ainda o líder da bancada socialista, garantindo que o partido está coeso e unido, “o que é um bom sinal para Portugal”.

Perante os “graves” sinais de crise nas instituições da democracia portuguesa, Ferro Rodrigues não hesita em afirmar que os portugueses sabem claramente que aqueles que acham que “vale tudo em política não valem nada politicamente”. ■ **R.S.A.**



INTERVENÇÕES NO XX CONGRESSO

UNIDOS E MOBILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DA ALTERNATIVA

Críticas demolidoras aos resultados desastrosos da política de “austeridade expansionista” da governação da direita e a ideia de que o PS está a construir uma alternativa sólida de Governo capaz de devolver a esperança aos portugueses marcaram as intervenções ao longo dos dois dias de trabalhos. Um Congresso marcado pela confiança, onde ficou patente que o PS está unido, forte e mobilizado em torno da liderança de António Costa. **RUI SOLANO DE ALMEIDA E J.C. CASTELO BRANCO**

NA SESSÃO de abertura, a presidente do PS cessante, Maria de Belém, fez um retrato arrasador dos “resultados da obstinação governamental” de ir para além da troika com a sua política de “austeridade expansionista, indutora de todos os problemas”.

Maria de Belém salientou que “o resultado está à vista. Portugal é o país da União Europeia (UE) com o maior aumento do risco de pobreza”, com o desemprego a fustigar principalmente os jovens e os cidadãos com mais de 45 anos. “Há um aprofundamento escandaloso das desigualdades sociais”, disse.

Sobre as primárias, salientou que “o PS saiu mais unido” deste ato eleitoral e o secretário-geral, António Costa, “reforçado na sua legitimidade”.

Já quanto ao atual rumo da Europa, Maria de Belém defendeu que

chegou a altura de “propor um novo tratado que, a exemplo do de Maastricht para as questões orçamentais, imponha aos países da União Europeia indicadores sociais, cujo não cumprimento também acarrete sanções”. E isto porque, frisou, “a UE não é apenas um mercado único, mas um espaço de valores que é indispensável salvar e nos quais a solidariedade tem um lugar maior”.

Falando também na sessão de abertura na FIL, o vice-presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina, afirmou que hoje se assiste a “uma situação única” na nossa política, que é termos o Governo do país a fazer oposição à autarquia da capital, “sem qualquer pudor institucional”, numa alusão à taxa de dormidas para turistas.

“O Governo que cobra 26 taxas e taxinhas, o Governo do IVA da res-

tauração, do brutal aumento de impostos, do corte das prestações sociais, vem agora criticar António Costa”, disse.

Fernando Medina, que saiu do Congresso como membro do Secretariado Nacional, fez depois um contraste entre a governação na capital e a governação no país, salientando que a CML tem “contas equilibradas”, faz investimento e ainda baixa impostos, como, por exemplo, o IMI que não é cobrado à taxa mais elevada e que a edilidade escolheu devolver parte do IRS aos municípios.

Já o Governo da direita, frisou, deixa como resultado da sua política de austeridade “mais 25 mil milhões de dívida externa”. Acrescentando que “venderam os anéis e os dedos a dívida não para de aumentar”.

Por sua vez, o presidente da FAUL,

Marcos Perestrello, outro dos oradores da sessão de abertura, num discurso em que a “confiança” foi o mote, defendeu que “unidos somos mais fortes”, e recuperou um velho e sempre atual slogan iniciado no PREC: “Quanto mais a luta aquece, mais força tem o PS”.

“Unidos somos mais fortes, todos temos noção das dificuldades, mas todos também sabemos que como diz aquele velho slogan quanto mais a luta aquece, mais força tem o PS”, disse.

Direita tem medo de António Costa

Referindo que em 2015 tem início “um ciclo eleitoral exigente”, o dirigente socialista afirmou que “é preciso um novo Governo, uma nova maioria e um novo Presidente da República”.

Marcos Perestrello disse que “o

PS está hoje preparado para responder aos desejos dos portugueses”, sublinhando que “as 200 mil pessoas que participaram nas primárias são uma impressionante demonstração da força que o PS tem e uma enorme responsabilidade para António Costa, o rosto da esperança”.

O presidente da FAUL disse que “a direita tem medo de António Costa pelo seu percurso” e, por isso, “o Governo tem feito oposição à oposição à oposição, como se António Costa já fosse primeiro-ministro”.

Na sua intervenção, Marcos Perestrello lembrou ainda a pesada herança de Passos e Portas. “A direita fracassou e deixa um país exaurido. Hoje o país deve mais do que quando a direita chegou ao poder”.

E deixou um aviso: “O PS não se conformará com algumas medidas, como, por exemplo, a privati-



FOTOS: JORGE FERREIRA

zação da TAP ou a privatização dos transportes públicos de Lisboa e do Porto”.

Movimento sindical faz parte dos nossos valores

Já no período da discussão da moção de orientação estratégica o mundo do trabalho, particularmente fustigado durante os últimos três anos, fez ouvir a sua voz no Congresso através de Carlos Silva. O líder da UGT e da Tendência Sindical Socialista salientou que “o movimento sindical ajudou a fundar o nosso partido e faz parte dos seus valores e princípios”, sendo “importante o partido olhar para o operariado, para aqueles que trabalham todos os dias para o bem de Portugal, para o bem da economia”. Na sua intervenção, Carlos Silva, depois de frisar que representa “nem mais nem menos do que meio milhão de trabalhadores”, afirmou: “Hoje ouvi nas várias intervenções falar em militantes, em cidadãos, em eleitores, mas há uma palavra que a mim me esmaga e é essa que me traz aqui: trabalhadores e trabalhadoras deste país, tão castigados pela austeridade”. Por isso, sustentou, “precisamos de dar esperança aos trabalhadores”, que foram tratados pelo Governo da direita “como carne para canhão, como números”.

O dirigente sindical defendeu ainda que é preciso “um PS unido e coeso para ser um Governo de maioria absoluta, com sensibilidade social”.

Na sua intervenção no Congresso, a deputada Elza Pais afirmou que o objetivo dos socialistas é “derrubar a direita e devolver a esperança aos portugueses”, sublinhando que “António Costa é o homem certo no lugar certo”.

Para a antiga secretária de Estado para a Igualdade, a “Agenda da Década” contém propostas para que “as desigualdades de género diminuam” e se afirme “uma nova cultura para a cidadania e a igualdade”. Elza Pais referiu ainda que “estamos cansados de políticas que arrastam as famílias para a pobreza”, salientando que “um país que retira o IRS e o complemento solidário para idosos é um país sem ética, sem vergonha e sem futuro”.

Já Pedro Cegonho, recém-eleito presidente da Anafre, fez uma breve intervenção centrada na defesa de uma nova lei-quadro que permita às freguesias, entre outros aspetos, “prestar mais serviços de qualidade” às populações.

Já Miguel Laranjeiro afirmou que “é preciso continuar a oposição a um Governo que destrói os pilares da nossa sociedade”, adiantando que “melhorar o Estado Social não é destruir como faz o atual Governo”. O antigo secretário nacional para a Organização disse ainda que os socialistas “não aceitam a privatização de toda a sociedade”.

Sacrifícios foram exagerados e sem sentido

“Portugal precisa de nova liderança

e António Costa é a pessoa que precisamos para fazer essa mudança”, afirmou Manuel Caldeira Cabral, professor da Universidade do Minho e um dos subscritores do “Novo Rumo”, que na sua intervenção se centrou nos malefícios da receita da direita da “austeridade expansionista”, segundo a qual “quanto mais fortes fossem os cortes mais sólida seria a retoma”.

Passados três anos, o docente universitário considera que “os sacrifícios foram exagerados e sem sentido”, sendo Portugal hoje um país “mais pobre, mais endividado e menos competitivo”.

E isto porque, explicou, “o ajustamento foi um tiro contra o que era preciso fazer”, já que “foi reduzida a capacidade de produção, o emprego na indústria caiu 25%”.

Neste quadro, defendeu que “é preciso mudar o caminho”, porque “o crescimento e a competitividade têm de se fazer pela criação de valor, pela qualidade, pela inovação, pela qualificação das pessoas”.

Manuel Caldeira Cabral disse que “reformatar o Estado não é cortar, mas sim pô-lo a funcionar melhor”, acrescentando: “Não aceitamos que se corte nos mais fracos e desprotegidos. Cortar 40% no Rendimento Social de Inserção que representa 0,3% do PIB é uma vergonha”. Para o professor universitário, estamos perante “uma questão económica e social, já que a pobreza é um desperdício, para além de uma injustiça”.

O presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro, depois de saudar António Costa, “futuro primeiro-ministro de Portugal”, acusou o Governo de usar a lei das finanças regionais não para desenvolver as regiões mas apenas com o objetivo de “encaixar mais dinheiro”. Lamentou ainda que o Executivo liderado por Passos Coelho nada tenha feito para ajudar os açorianos quando a região foi fustigada pelo mau tempo.

Também a autarca de Odivelas, Susana Amador, elogiou a gestão socialista dos Açores recordando o “papel de enorme relevo” assumido pelo camarada Carlos César e o seu decisivo contributo para o êxito das políticas desta região autónoma.

“Este é também um Congresso de Abril”, defendeu a autarca, porque aqui está “um grande partido do povo”. Um partido, disse, que “defende uma Europa mais justa e solidária”.

Depois de classificar o XX Congresso como “um momento muito importante para o PS”, o antigo ministro da Justiça Alberto Martins realçou a necessidade de “reforço da construção da unidade



MOÇÃO APROVADA POR UNANIMIDADE

A moção de estratégia do secretário-geral do PS, António Costa, foi aprovada por unanimidade pelo XX Congresso do partido.

A votação da moção “Mobilizar Portugal” foi feita de braço no ar e o resultado anunciado pelo presidente do Congresso, Carlos César, antes de dar por encerrado o primeiro dia de trabalhos.

O período depois de jantar foi dedicado, tal como a tarde, à discussão do documento estratégico apresentado por António Costa.



SOARES E SAMPAIO LEVAM CONGRESSO AO RUBRO

A presença dos antigos Presidentes da República e secretários-gerais Mário Soares e Jorge Sampaio no encerramento do

Congresso, onde sublinharam uma vez mais o apoio a António Costa, foi mais um momento alto e emocionante da reunião magna da FIL, onde foram recebidos com fortes e calorosas palmas e abraços.

O primeiro a chegar, Mário Soares, afirmou à entrada do pavilhão, que vinha para abraçar o seu amigo e camarada António Costa, que, sublinhou, fez na abertura do Congresso um “discurso perfeito. Gostei imenso”.

Mário Soares disse ter acompanhado o Congresso que, afirmou, deixou o partido “fortíssimo”.

Minutos depois dava entrada na FIL Jorge Sampaio que reiterou o seu “gosto” em apoiar o novo secretário-geral do PS. “O momento é único porque é um Congresso que projeta o PS de uma forma unida para constituir e consolidar, sobretudo, uma proposta de alternativa aos portugueses que possa ser uma base muito sólida para os portugueses se pronunciarem quando forem as eleições. Espero que corresponda a uma vitória”. **J. C. C. B.**



UM CANTE DA HUMANIDADE

A cultura também ocupou lugar de destaque na reunião magna socialista.

Dois grupos de cante alentejano atuaram no primeiro dia de trabalhos do XX Congresso, uma homenagem do PS pela distinção da UNESCO, que tornou o cante Património Cultural Imaterial da Humanidade.

O grupo coral de Monsaraz e o grupo Os Rurais de Figueira dos Cavaleiros, Ferreira do Alentejo, cantaram quatro temas, terminando com a “Grândola, Vila Morena”, que foi acompanhada pelos congressistas. Mais um momento marcante na FIL.

Recorde-se que com a decisão da UNESCO, o cante alentejano, um canto coletivo, sem recurso a instrumentos e que incorpora música e poesia, passa a estar inscrito na lista representativa daquela organização dedicada ao Património Cultural Imaterial da Humanidade. **J. C. C. B.**

do partido”, para combater, como sustentou, o “empobrecimento do país, a dívida, a pobreza, a opacidade da regulação financeira e a alta tributação”.

Para a eurodeputada Maria João Rodrigues, este Congresso era o último ponto que faltava para o “definitivo arranque do PS para liderar o país”. Sem rodeios, afirmou que o projecto europeu “está a morrer às mãos dos conservadores”, facto mais do que suficiente para que os portugueses se regozijem com a futura vitória dos socialistas nas próximas eleições legislativas. Com o PS, disse ainda Maria João Rodrigues, Portugal voltará a ter na Europa um discurso de defesa do país e do seu povo, mas também ideias e propostas séria e sustentadas que apontem para o desenvolvimento, o investimento e o emprego.

Para o secretário-geral da Juventude Socialista, João Torres, o PS “tem a obrigação de criar as condições para que os jovens que abandonaram o país possam regressar, tão rápida quando possível”. Disse também que com a realização do XX Congresso, Portugal inicia um novo ciclo político. Um ciclo “contra este Governo que mentiu e que atirou o país para o mais repugnante servilismo”.

PS não se engana nas prioridades

O eurodeputado Pedro Silva Pereira defendeu que o Congresso do PS mostrou que os socialistas sabem muito bem para onde querem ir, garantindo que o partido “não se engana nas prioridades” e sabe assumir as suas “responsabilidades perante o país”.

Prioridades que, disse, passam não só por construir uma alternativa ao Governo que “fez do empobrecimento uma escolha”, mas também por uma “oposição forte e firme” que os portugueses “querem que seja feita a este Governo de direita”. Para o eurodeputado socialista, este é um Governo que “abusou

da austeridade muito para além da troika”, em nome da “cegueira ideológica de uma austeridade expansionista”.

Fez do empobrecimento uma estratégia e uma escolha e travou a quatro rodas todos os processos de modernização da economia e do Estado. E como se isto não bastasse ainda “ajoelhou na Europa”.

Mas o eurodeputado foi mais longe e não teve dúvidas em afirmar que este Governo “enganou os portugueses desde o primeiro dia do seu mandato”, salientando que a direita tem uma maioria, um Governo e um Presidente da República, o que lhes dá “poder, mas não lhes dá futuro”.

“Estamos aqui para falar de política e de um novo futuro para Portugal”, defendeu o secretário nacional cessante, Álvaro Bezeza, sublinhando que o país precisa de um “PS capaz de devolver a esperança e a confiança aos portugueses”. Depois de enfatizar as “duas grandes vitórias” recentes do PS, que considerou serem a realização de primárias e o facto de o partido ter chegado ao Congresso “unido na diver-

sidade das suas várias sensibilidades”, Álvaro Bezeza recordou que o PS “é um pilar do Estado de Direito”. O número dois do atual secretário-geral na Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, sublinhou que António Costa “é hoje um político de referência no nosso país”, algo que foi testado há muito pouco tempo, como realçou, pela “legitimação de largas centenas de milhares de militantes e simpatizantes” que confiaram no líder socialista para a “construção de uma

verdadeira alternativa” ao atual Governo de direita.

Combater o trabalho precário

Para o líder da Federação de Aveiro, Pedro Nuno Santos, o PS, quando chegar ao Governo, terá que se afastar das políticas da direita, começando por “dignificar quem trabalha”. Nunca, como hoje, destacou, “foi tão importante ser socialista”, admitindo que António Costa vai ter de lidar “fortes constrangimentos” na elaboração do Orçamento do Estado para 2016.

Denunciou o facto de Portugal estar a viver uma realidade perversa, com empregos a serem pagos com subsídio de desemprego, com cada vez mais portugueses a depararem-se com uma “realida-

cionamos com o Estado”.

Porque um Estado fraco, sustentou, “é o que fica mais facilmente à mercê da captura dos interesses privados”, enquanto um Estado forte “é a melhor garantia de que nos conseguiremos proteger de interesses particulares”.

“Não tenhamos ilusões: um Governo liderado pelo PS terá de enfrentar fortes constrangimentos orçamentais que vão obrigar a escolhas e a opções difíceis, mas isso não dará o direito de falhar”.

É a recuperação dos valores que estiveram na origem do PS, defendeu ainda Pedro Nuno Santos, que “nos vai dar a força e a energia que precisamos para derrotar esta direita e construir um país onde valha a pena viver”.

Sérgio Sousa Pinto considerou que a Europa está hoje dilacerada “pelo egoísmo dos Estados”, argumentando que o próximo Governo liderado pelo PS será, pelas circunstâncias, “uma experiência original, norteada pelo realismo”. O deputado socialista defendeu que uma governação socialista deve bater-se pela

questionando até onde “teria ido este Governo se não fosse a Constituição e o Tribunal Constitucional”. Acusou o Governo de ter tentado levar a cabo “várias injustiças” ao longo dos últimos três anos, atropelos que foram travados, como defendeu, pelo Tribunal Constitucional, acrescentando que a “democracia constitucional é o contrário do que este Governo pratica”.

Para Reis Novais “uma maioria não pode fazer tudo aquilo que quer”, porque há “princípios de decência mínima”, realçando o papel determinante do Tribunal Constitucional. Para José Leitão, ficou claro para todos os portugueses que o país passou a dispor de uma verdadeira alternativa desde que António Costa anunciou a sua candidatura à liderança do PS. Defendeu as propostas contidas na Agenda para a Década, classificando-as de verdadeiras “apostas nas pessoas” e no território.

Manuel Pizarro, ex-ministro da Saúde e atual vereador da Câmara Municipal do Porto, lembrou que o país e a Europa atravessam momentos de extrema dificuldade, realçando que cerca de três milhões de pessoas vivem em risco de pobreza e 1,2 em pobreza absoluta, sendo lógico, como afirmou, que esta enorme faixa de gente não viva, “por questões óbvias” em democracia plena.

“É com imenso orgulho que oiço António Costa falar de cultura”, disse a antiga ministra da Cultura Gabriel Canavilhas, para acrescentar que a cultura e a ciência “são os dois instrumentos decisivos para a nossa competitividade”.

O eurodeputado Carlos Zorrinho não tem dúvidas de que o PS vai ganhar as próximas eleições “de forma clara”, apesar das “enormes dificuldades que nos esperam”. Recusando que o PS avance para alianças com outros partidos, Zorrinho só vê uma aliança possível: “Com os portugueses”.

Por sua vez, o deputado Renato Sampaio salientou que a esperança renasceu para os portugueses com a eleição de António Costa. Acusando o Governo de direita de em três anos ter posto um travão ao progresso e bem-estar do país. ■



AGENDA PARA A DÉCADA

Maria Manuel Leitão Marques, coordenadora da Agenda para a Década, disse que este é um documento com uma visão estratégica para o desenvolvimento de Portugal. Uma economia mais inovadora significa uma “economia mais competitiva”, defendeu, o que significa também “uma economia com maior resiliência”.

Mas também mais “inovação”, o que permite responder mais rápida e eficazmente às “dinâmicas circunstanciais ou estruturais globais”.

Recorde-se que a Agenda para a Década, conforme sublinhou António Costa no encerramento do Congresso, não é a agenda do PS, é o contributo do PS para firmar um acordo social estratégico, um guia que serve de base ao diálogo com todas as forças políticas.

de insuportável” que é a dos “falsos recibos verdes” ou ainda como muitas empresas que “ao mesmo tempo que fazem despedimentos coletivos distribuem milhões pelos acionistas”.

Há muitos anos que “somos complacentes” com realidade dos recibos verdes. “Não podemos conviver com o drama da precaridade como temos vivido em Portugal”.

São situações como estas, disse ainda, que o PS tem de combater “repensando a forma como nos re-

defesa e reforço do poder político democrático” e pelo prestígio do Estado.

Uma sociedade mais igualitária, acrescentou, que traga resultados efetivos ao quotidiano dos portugueses e que não deixe de lutar pela defesa dos interesses de Portugal nas instâncias internacionais, “incluindo as europeias”.

O papel do Tribunal Constitucional

Convidado a participar no Congresso, o constitucionalista Jorge Reis Novais lembrou o papel determinante do Tribunal Constitucional (TC) no “suavizar” e no alívio dos sacrifícios exigidos aos portugueses,



CONGRESSO HOMENAGEIA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A homenagem silenciosa feita pelos congressistas às mulheres vítimas de violência doméstica foi um dos momentos mais emotivos e marcantes da reunião magna dos socialistas.

António Costa no discurso final, logo após sublinhar a determinação do PS na resolução dos problemas das pessoas, interrompeu a sua intervenção para convidar a plateia a levantar-se e em silêncio ouvir a atriz Maria do Céu Guerra ler os nomes das 34 mulheres assassinadas em Portugal, entre janeiro e outubro deste ano, por motivos de violência doméstica.

No final dos momentos de silêncio e da leitura dos nomes por uma das nossas maiores atrizes, os congressistas aplaudiram longamente. E António Costa quis sinalizar, com este gesto pleno de simbolismo, que o PS enfrentará de forma firme “esta chaga social intolerável”.

“É por isto que a política é necessária, porque a vida são pessoas e a política tem a ver com as pessoas e tem a ver com a resolução dos problemas das pessoas”, frisou o secretário-geral do PS. **J. C. C. B.**

36

É o número de representações diplomáticas que estiveram presentes na sessão de encerramento do XX Congresso Nacional do PS.

Na ocasião marcaram presença embaixadores de países como a Alemanha, Argélia, Argentina, Áustria, Cuba, Dinamarca, Finlândia, Israel, Itália, Polónia, Reino Unido, Rússia e Tunísia, entre outros, demonstrando que a reunião magna dos socialistas despertou grande interesse no corpo diplomático representado em Portugal.



FOTO: JORGE FERREIRA

Este Governo não tem emenda

Na abertura do XX Congresso do PS, António Costa defendeu maior participação de independentes na vida partidária, alterações no sistema eleitoral e, depois de apelar à maioria absoluta, avisou os partidos à sua esquerda que não os vai deixar estar na situação cómoda de protesto. **RUI SOLANO DE ALMEIDA**

FALANDO DE IMPROVISO, e sem referir o recente caso que envolve o ex-primeiro-ministro, o líder do PS, depois de salientar que um partido "é também uma relação de afetos", enalteceu a postura e a serenidade como "todos os socialistas" têm sabido enfrentar "uma prova para a qual ninguém está preparado". Garantiu que o PS não está aberto a fazer compromissos políticos com um Governo que acusou de ter "falhado e de não ter emenda", recordando que se o Executivo de direita tivesse uma visão estratégica para o país a última decisão que tomara era ter cortado 700 milhões de euros no orçamento da Educação, acabado com as Novas Oportunidades, matado o Simplex ou desprezado um conjunto de medidas que de algum modo permitissem enfrentar ou minimizar o desemprego de longa duração. Se o Governo tivesse de fac-

to uma visão estratégica para o país, disse, "já tinha desistido e ido embora", garantindo que o PS está preparado para assumir as suas responsabilidades "devolvendo a esperança aos portugueses". Depois de afiançar que a "maior honra para um socialista é ser empossado como secretário-geral", defendeu que é na Agenda para a Década que está consubstanciada e concretizada a verdadeira visão estratégica para o país, apostando, designadamente, na valorização dos recursos, na modernização do Estado e na atividade económica, no investimento na cultura e na ciência e na coesão social. Neste sentido, anunciou a realização de uma convenção nacional na primavera que prepare o programa de Governo com que o PS se irá apresentar às eleições legislativas. "Temos de estar cientes da res-

ponsabilidade que temos de assumir", disse, salientando não pretender um "futuro só para alguns" mas uma sociedade inclusiva, "decente", que assente em políticas dignas e ao serviço de todos. No que respeita à eventual políti-

ca de alianças, Costa lembrou ao BE e ao PCP que os não vai deixar na posição cómoda do protesto, garantindo que, caso o PS vença as próximas eleições legislativas, como tudo indica, vai chamá-los a "assumirem responsabilidades nas soluções para o país".

Numa intervenção pautada por uma enorme serenidade, António Costa provou o que há muito dele já se sabia: trata-se de um político preparado, com uma assinalável consciência dos problemas do país e dos portugueses e pronto para liderar o PS à vitória nas próximas eleições legislativas.

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Uma das novidades anunciadas por António Costa no XX Congresso será a eleição, uma vez eleito primeiro-ministro, de um secretário-geral adjunto que assegure a vitalidade da vida do partido para além da ação governativa. Sem adiantar mais pormenores, o líder socialista realçou a importância desta iniciativa que irá propor, como os estatutos preveem, à Comissão Nacional, como forma de tornar o partido mais unido, ativo e coeso. Com esta medida, o secretário-geral pretende manter a mobilização e evitar que o partido volte – como já aconteceu quando o PS teve responsabilidades governativas – a debilitar o seu funcionamento e a sua participação na vida democrática nacional. O PS, defendeu, tem que ser igual quer na oposição, ou no Governo, e ter a mesma vitalidade, combatividade e proximidade.

O combate é também na Europa

A política europeia foi outra das matérias que mereceram uma especial atenção por parte de António Costa, apontando ser este o território de combate político que Portugal tem à sua disposição para defender um projeto sustentável capaz de "reconstruir o espaço de alianças". Depois de mencionar a questão da "asfixia" do peso da dívida, uma herança, como lembrou, que o futuro Governo terá que enfrentar encontrando as soluções no seio da União Europeia,

REVISÃO DOS ESTATUTOS

A proposta de alteração dos estatutos subscrita pelo secretário-geral, e apresentada no XX Congresso pelo deputado Jorge Lacão, que coordenou o projeto de revisão estatutária, foi aprovada por larga maioria.

Uma revisão, que, segundo o eleito socialista, estabelece "uma maior abertura à sociedade e transparência de procedimentos". Com esta revisão estatutária, passa a haver a possibilidade futura de recurso a eleições primárias para a escolha de titulares de cargos políticos, mediante decisão ponderada dos órgãos do partido, e a possibilidade, por decisão da Comissão Política, de admitir a participação de simpatizantes também nas eleições diretas que escolhem o secretário-geral. Aprovada ficou igualmente a diminuição para seis meses desde a inscrição para que um militante tenha os seus direitos plenos, incluindo eleger e ser eleito. Até agora a inibição era de 12 e 18 meses, respetivamente. Foi também aprovada a reposição em dois anos do período de duração dos mandatos políticos, o regresso dos poderes eletivos para os congressos extraordinários e a hipótese de o secretário-geral ser derrubado em Comissão Nacional por moção de censura aprovada com maioria absoluta dos votos. A este propósito, Jorge Lacão lembrou que o PS tinha, numa anterior alteração estatutária, evoluído para um sistema presidencialista de "inamobilidade do líder", algo que a "natureza republicana e democrática dificilmente poderia adotar".



FOTO: JORGE FERREIRA

salientou que tal como "nos batemos em cada freguesia, em cada município ou a nível nacional", Portugal terá de encontrar na Europa os caminhos e as soluções para uma nova política. Algo que só se alcançará com "um novo Governo".

Reiterou que a resolução do brutal peso da dívida, deixado por este Executivo de direita, terá que passar por um modelo que equilibre, por um lado, o respeito pelos compromissos europeus mas também nacionais, designadamente em termos de Estado Social e, por outro lado, por um terceiro pilar que equacione a necessidade de investimento.

Quanto à questão da dívida, o secretário-geral socialista defendeu a premência de uma nova leitura do Tratado Orçamental, cenário que terá de passar, como realçou, por uma discussão alargada aos restantes parceiros comunitários sobre a questão da dívida e por um programa europeu de investimento.

Apesar de ter qualificado como "insuficiente e incerto" o chamado plano Juncker, o líder do PS não deixou de o classificar como "indo no bom sentido", destacando especialmente a possibilidade de investimentos em áreas económicas de futuro deixarem estas de contar para a contabilização do défice em cada Estado-membro.

O novo líder socialista não deixou de criticar o que classificou de "submissão" do Governo português às políticas alemãs, tendo ainda feito algumas referências negativas à atuação do Banco Central de Frankfurt.

Como há muito vem defendendo, reiterou que o país não poderá

vencer os seus actuais constrangimentos económicos e financeiros "sem investimento" residindo aqui, como insistiu, a chave para a competitividade da economia portuguesa.

Competitividade que, para António Costa, é uma questão que tem duas leituras distintas: enquanto para as forças políticas representadas no Governo se alicerça na redução dos salários e em modelos de empobrecimento, para os socialistas a questão é vista de maneira substancialmente divergente assente num modelo que passa pelas qualificações, modernização do Estado e pela coesão social.

O líder socialista não deixou contudo de se referir também aos partidos à esquerda do PS, demarcando-se dos modelos económicos expansionistas e estatistas defendidos por estes sectores, lembrando, a propósito, que com o PS não haverá mais políticas de "empobrecimento ou mais endividamento".

Queriam amarrar-nos à pedra que os arrasta

Rejeitando qualquer acordo com o Governo liderado por Passos Coelho, Costa lembrou que os compromissos que a maioria manifestou desejo em fazer com o PS não seriam acordos para servir Portugal ou os portugueses, mas para "amarrar o PS à pedra que os arrasta para o fundo".

"Queriam levar-nos com eles nesta lenta agonia que enfraquece o país" o que, se viesse a suceder, "privaria o país de uma alternativa credível e sólida para fazer a mudança".

Se de facto estivessem interessados em consensos, disse ainda

António Costa, não teriam reprovado todas as propostas apresentadas pela bancada socialista de alteração ao Orçamento do Estado para 2015.

As altas taxas de desemprego em Portugal mereceram igualmente uma forte crítica ao secretário-geral do PS, que contrapôs aos cenários idílicos apresentados pela direita a crueldade dos números anunciados quer pelo INE, quer pelos organismos europeus, que apontam para que nos últimos três anos o país tenha perdido mais de 340 mil empregos líquidos, com o desemprego de longa duração a afetar cerca de 467 mil cidadãos e com mais de 300 mil inativos que desistiram de procurar emprego.

Por outro lado, e para acrescentar

a este panorama absolutamente avassalador, só comparável aos anos 60 do século passado, nos últimos três anos partiram mais de 125 mil jovens, "porque não tinham futuro em Portugal", perguntando o líder socialista se era a isto que o primeiro-ministro recentemente designou por uma "nova dinâmica do emprego".

Dívida continua a aumentar

Na sua intervenção António Costa lamentou que apesar dos sucessivos processos de privatizações, a dívida continue a crescer e a asfixiar o futuro de Portugal, tendo subido mais de 30 pontos percentuais, sete vezes mais do que toda a receita das privatizações até ao momento.

"Este Governo semeou a incerteza e a intranquilidade" disse, culpando o Executivo pela divisão entre gerações, entre empregados e desempregados, entre trabalhadores da Administração Pública e de empresas privadas, pelo aumento desmesurado de trabalhadores precários ou a falsos recibos verdes, e pela "ameaça" de estar a criar objetivamente, para a próxima década, "um novo ciclo de pobreza".

Inverter este cenário é tarefa a que o PS se propõe meter ombros, empenhando-se na formação dos portugueses, na modernização da economia, designadamente apostando na recuperação dos sectores têxtil e do calçado, e recuperando dois grandes emblemas da governação socialista: o Simplex e as Novas Oportunidades. ■

LEI ELEITORAL

O secretário-geral do PS quer que o sistema eleitoral seja objeto de uma profunda reforma. Quer a nível autárquico, quer para a Assembleia da República. Isto mesmo foi defender ao XX Congresso, evocando a necessidade de se retomar um tema que tem sido um dos cavalos de batalha do PS desde sempre e que em cada momento de crise mais se evidencia como necessário.

Para António Costa, há absoluta necessidade de, no sistema político, fazer uma reflexão serena, determinada, mas conclusiva, para que o sistema eleitoral sofra as necessárias mudanças e alterações, de forma a personalizar mais os mandatos, aproximar os eleitos dos eleitores e responsabilizar perante os eleitores cada um dos eleitos quer ao nível local, quer ao nível da Assembleia da República.

Para o secretário-geral do PS há uma lição óbvia a tirar entre esta reforma e as recentes eleições primárias no partido que, segundo António Costa, fizeram "cair o mito" de que as pessoas não se interessam por política e de que os partidos não estão abertos à renovação. A primazia do poder político defendeu, é a "supremacia do cidadão, do seu voto legítimo e democrático".

NOVOS ÓRGÃOS NACIONAIS

PRESIDENTE



CARLOS CÉSAR

PRESIDENTE HONORÁRIO



ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS

SECRETÁRIO-GERAL



ANTÓNIO COSTA

SECRETARIADO NACIONAL



ANTÓNIO COSTA



BERNARDO TRINDADE



FERNANDO MEDINA



FERNANDO ROCHA ANDRADE



GRAÇA FONSECA



IZILDA GOMES



JOÃO GALAMBA



JORGE GOMES



LUÍS PATRÃO



MANUEL PIZARRO



MARIA DA LUZ ROSINHA



MARIA DO CÉU ALBUQUERQUE



PEDRO BACELAR



PORFÍRIO SILVA



SÉRGIO SOUSA PINTO



WANDA GUIMARÃES

COMISSÃO POLÍTICA NACIONAL

Maria de Belém
Acácio Pinto
Alberto Costa
Ana Gomes
Álvaro Beleza
Nuno Sá
Ana Maria Bettencourt
António Galamba
António Vitorino
Ana Paula Vitorino
Ascenso Simões
Augusto Santos Silva
Carla Tavares
Carlos Marques
Carlos Zorrinho
Célia Pessegueiro
Domingos Bragança
Domingos Pereira
Edite Estrela
Duarte Cordeiro
Eduardo Cabrita
Eurídice Pereira
Eduardo Vítor
Eurico Brilhante Dias
Fernanda Ramos
Ferro Rodrigues
Filipe Neto Brandão
Inês Drummond
Francisco César
Hugo Pires
Isabel Santos
João Cravinho
João Proença
Jamila Madeira
João Sequeira
João Soares
Joana Lima
Joaquim Mourão
Joaquim Raposo
Luísa Salgueiro
Jorge Lacão
Jorge Sanches
Carla Sousa
José Manuel dos Santos
Joaquim Couto
Maria Antónia Almeida Santos
José Vera Jardim
Manuel Machado
Maria do Rosário Gama
Mário Almeida
Miguel Alves
Maria Santos
Miguel Costa
Miguel Laranjeiro
Mariana Vieira da Silva
Pedro Cegonho
Pedro Silva Pereira
Odete João
Renato Sampaio
Rui Santos
Salomé Rafael
Vieira da Silva
Vítor Aleixo
Susana Amador

Rui Solheiro
Vítor Ramalho

Suplentes

Nuno Araújo
José Leitão
Catarina Albergaria
José Manuel Ribeiro
José Correia da Luz
Natividade Coelho
Castro Fernandes
Miguel Ginestal
Maria de Lurdes Ruivo
Anabela Freitas
João Cunha
Nuno Barreto
Manuela Augusto
Afonso Candal
Paulo Simões
Cecília Sampaio
António Mendes
Jorge Strecht Ribeiro
Teresa Damásio
António Parada
Hélder Guerreiro
Dalila Araújo
Carlos Filipe Camelo
Alberto Souto
Ângela Pinto Correia
José Rodrigues Martins
Diogo Cabrita
Rita Cunha Mendes
Miguel Coelho
Vítor Coelho
Anastácia Fins
Ricardo Gonçalves
Miguel Pombeiro
Mara Lagriminha
Tiago Barbosa Ribeiro
Paulo Lopes
Maria José Gonçalves
Miguel Rasquinho
Jorge Sequeira
Maria do Sameiro Ferreira
Rui Marqueiro
Ricardo Leão
Teresa Fernandes
Joel Azevedo
Carlos Leone
Maria Amélia Antunes
Manuel Carneiro
Carlos Trindade
Patrícia Vale Cesar
Fonseca Ferreira
Fernanda Maurício
Cecília Sampaio
Joaquim Gonçalves
Luís Filipe Silva
Ana Paula Viseu
Bruno Veloso
Pedro Gaspar
Patrícia Melo e Castro
Elza Pais
Rui Pereira

Adelino Gonçalves Mendes
 Alberto Martins
 Adelaide Modesto
 Alberto Mesquita
 Alvaro Beza
 Alexandra Moura
 André Caldas
 André Pinotes Batista
 Alzira Serrasqueiro
 André Rijo
 Ângelo de Sá
 Ana Lé
 António Lacerda Sales
 António Luis Soares
 Ana Maria Rocha
 António Magalhães
 António Mendes
 Ana Maria Ferreira
 António Miguel Pina
 António Oliveira Leite
 Ana Passos
 António Parada
 António Pereira
 Ana Pereira
 António Sotero Moutinho Ferreira
 António Vassalo Abreu
 Angela Miranda
 Armando Paulino
 Arménio Martins
 Berta Nunes
 Avelino Conceição
 Berto Messias
 Carla Alexandra Sousa
 Bravo Nico
 Carlos Casteleiro Alves
 Carla Tavares
 Carlos Castro
 Carlos Cidade
 Catarina Marcelino
 Carlos Guerra
 Carlos Trindade
 Clarisse Campos
 Claudio Rebelo
 Costa e Silva
 Cláudia Soutinho
 Daniel Lima
 Daniel Lopes
 Conceição Casanova
 David Santos
 Dinis Costa
 Conceição Grilo
 Domingos Quintas
 Eduardo Feio
 Constança Urbano de Sousa
 Eduardo Quintanova
 Emanuel Jardim Fernandes
 Cristina Mesquita
 Fernando Anastácio
 José Maria Costa
 Cristina Vieira
 Fernando Calix
 Fernando Gomes
 Dalila Araujo
 Fernando Gomes
 Fernando José Gomes Rodrigues
 Deolinda Pinto
 Fernando Malheiro
 Fernando Manuel Jesus
 Egídia Martins
 Fernando Paulo
 Fernando Peixinho
 Elsa Teigão
 Filipe Portela

Fonseca Ferreira
 Elza Pais
 Francisco César
 Francisco Lemos
 Fernanda Asseiceira
 Francisco Madelino
 Carlos Bernardes
 Fernanda Gonçalves
 Francisco Rolo
 Pedro Silva
 Francisca Parreira
 Gonçalo Rocha
 Gustavo Carranca
 Gabriela Canavilhas
 Henrique Fernandes
 Hermano Sanchez Ruivo
 Glória Araújo
 Hugo Costa
 Hugo Martins
 Graça Vaz
 Humberto Cerqueira
 Jaime Simão Leandro
 Helena Lima
 João Azevedo
 João Cunha
 Helena Pavão
 João Duarte
 João Gouveia
 Idália Serrão
 João Nuno Mendes
 João Paulo Catarino
 Idalina Trindade
 João Paulo Pedrosa
 João Paulo Rebelo
 Irena Fontes
 João Pedro Borges
 João Pedro Domingues
 Isabel Leitão
 João Ribeiro
 João Taveira Pinto
 Isabel Moreira
 João Tiago
 João Tiago Silveira
 Isabel Oneto
 Joaquim Barbosa Couto
 Joaquim Filipe
 Isaura Martinho
 Joel Azevedo
 Joel Hasse Ferreira
 Joaquina Matos
 Jorge Botelho
 Jorge Dantas
 Lucinda Fonseca
 Jorge Luís Catarino
 Jorge Luiz Costa Catarino
 Lurdes Castanheira
 Jorge Rato
 Jorge Sequeira
 Mafalda Azenha
 José Alberto Fateixa
 José Alberto Guerreiro
 Margarida Garizo
 José Alexandre Almeida
 José Carlos Resende
 Maria Amélia Antunes
 José Contente
 José Fragateiro
 Maria Augusta Santos
 José Junqueiro
 José Lello
 Palmira Maciel
 José Pereira dos Santos
 José Ribeiro

Maria do Céu
 José Rui Cruz
 José San-Bento
 Maria Fernanda Ferreira Araujo
 Laurentino Regado
 Luis António Costa Catarino
 Maria João Botelho
 Luis Ferreira
 Luis Filipe Pires Fernandes
 Maria José Batista
 Luis Graça
 Luis Manuel Teixeira de Sousa Ribeiro
 Maria José Gonçalves
 Luis Miranda
 Luis Reis
 Maria Paulina Fernandes
 Luis Sousa
 Manuel Alberto
 Maria Piedade Mendes
 Manuel Claro
 Manuel dos Santos
 Maria Rosalina Santos
 Manuel Fonseca
 Manuel Lage
 Maria Teresa Fernandes
 Marco André Martins
 Marco Carneiro
 Marisa Macedo
 Mario Ruivo
 Mesquita Machado
 Marisabel Moutela
 Micael Cardoso
 Miguel Batista
 Nathalie Oliveira
 Miguel Cabrita
 Miguel Cardoso
 Olga Marques
 Miguel Coelho
 Miguel Freitas
 Otília Areal
 Miguel Ginestal
 Miguel Teixeira
 Patrocinia Vale Cesar
 Nelson Brito
 Nuno Canta
 Paula Alves
 Nuno Chaves
 Nuno Coelho
 Paula Nobre de Deus
 Nuno Cunha Rolo
 Nuno Mascarenhas
 Paula Roseira
 Nuno Mocinha
 Nuno Moita
 Rita Leão
 Nuno Vaz Ribeiro
 Paulo Campos
 Rita Madeira
 Paulo Pisco
 Paulo Viegas
 Rita Neves
 Pedro Caetano
 Pedro Delgado Alves
 Rosa Maria Albernaz
 Pedro Folgado
 Pedro Pinto de Jesus
 Rute Lima
 Pedro Ribeiro
 Pedro Sousa
 Sandra Lameiras
 Pedro Vaz
 Raúl Cristóvão
 Sandra Pontedeira

Renato Matos
 Ricardo Gonçalves
 Sara Velez
 Ricardo Bexiga
 Ricardo Ribeiro
 Silvia Andrez
 Rosa Egipto
 Rui Alves
 Sónia Fertuzinhos
 Rui Duarte
 Rui Marqueiro
 Sónia Nicolau
 Rui Paulo Figueiredo
 Rui Pereira
 Sónia Sanfona
 Rui Riso
 Rui Solheiro
 Sónia Vieira
 Rui Vieira
 Sérgio Avila
 Susana Amador
 Sérgio Bicho
 Sérgio Cintra
 Teresa Almeida
 Sérgio Santos
 Silvino Lúcio
 Teresa Damásio
 Tiago Barbosa Ribeiro
 Valter Lemos
 Zizina Moreira
 Vitalino Canas
 Vitor Paulo Pereira

SUPLENTES

João Vasconcelos
 José Luís Sá
 Elisa Madureira
 Nuno Sá
 Mário Paiva
 Irene Lopes
 José Capelo
 Jorge Strecht Ribeiro
 Maria da Luz
 Carlos Alberto Manso
 Aires Fumega
 Patrícia Lopes
 José Tomé
 Edgar Valles
 Cristina Fonseca
 André Bradford
 Bruno Viriato Gonçalves Veloso
 Teresa Gago
 Luis Lopes
 André Figueiredo
 Esmeralda Souto
 Eduardo Alberto Cunha
 Paulo Albernaz
 Noela Abreu
 Francisco Dias
 Rui Alberto Matins Silva
 Ana Venancio
 António Rodrigues
 António Manuel Rodrigues
 Natalina Moura
 Fernando Cerqueira
 José Paulo Matias
 Leonor Nascimento
 Paulo César
 José Lagiosa
 Lucia Silva
 João Rodrigues
 Miguel Lemos
 Maria da Luz Paiva

Jorge Faria
Srecht Monteiro
Paula Aldeia
José Pio
Mário Mourão
Margarida Mota
Fernando José Pires Lopes
Vitor Mendes
Fernanda Romba
Pedro Sá
José Tremeço
Cristina Granada
Bruno Teixeira
André Ferreira
Mafalda Isabel Gonçalves
Figueira
Tiago Abade
Pedro Ruas
Rosa Isabel
José Ribeiro Costa Nunes
Elvira Tristão
Brigite Gonçalves
Pedro Santos
Fernando Curto
Josélia Ribeiro Cunha
Marco Monteiro
Fernando Teixeira
Andreia Cardoso
António Paiva
Vitor Guerreiro
Cecília Sampaio
Maria de Sousa
Alexandre Sargento
Paula Maria Magueijo Lisboa
João Pina
Henrique Fernandes
Lília Fernandes
Afonso Abreu
Paulo Ganhão
Ana Duarte
Ivo Maio
Artur Penedos
Cristina Figueiredo
Castanheira Pinto
Vasco Sousa
Susana Branco
Jorge Cristino
José Calixto
Olivia Carvalho
Francisco Real Sainhas
José António Soares Neves
Ana Isabel Lopes Correia
José Videira
João Pacheco
Claúdia Moreira
Jorge Gabriel Martins
Nuno Almeida
Ana Paula Cruz Alves
Jorge Ribeiro
Tiago Serralheiro
Ema Paula Morais Gonçalves
Avelino Couto
João Palmeiro
Angela Pinto Correia
Eduardo Rodrigues
António Matos
Sofia Ferreira
Luis Azevedo
João Vargas
Claudia Martins
Pedro Torres
Filipe Correia
Ana Susana Santos

Luis Miguel Fonseca do
Nascimento
Marco Almeida
Ana Moura Pinto
Lúcio Rodrigues
Joaquim Banha
Cristina Jesus
José Pereira
David Pinto
Claudia Santos
António Morão
Bruno Magro
Leila Alexandre
Artur Braga
Pedro Moure
Rita Cunha Mendes
António Carmona Mendes
Renato Alves
Ana Rosa Carita
Vitor Prada Pereira
Moisés Gil
Joselia Gonçalves
Luís Ribeiro
Joaquim Paula Sousa Pereira
Cristina Maria Moreira
Paulo Folhadela
Pedro Gaspar
Marina Correia
Luis Antunes
Mario Madureira
Carla Madeira
Ana Cristina Martins Pereira
Paulo Renato Faria
José Amarelinho
José Barão
Luis Soares
Luísa Sampaio
Patrocínio Vieira Azevedo
José Carlos Cidade
Eduarda Barros
Carlos Lopes
José Arruda
Nazaré Lança
Fernando Jorge da Silva
Paulo Seara
Susana Pereira
Gilberto Paulo Peixoto Igrejas
Artur Correia
Ana Paula Viseu
Joel Vasconcelos
Afonso Pimenta
La Sallate Marques
Jorge Miguel Rocha Henriques
Carlos Mouta
Dora Gaspar
Ernesto Augusto Barata
António Moura
Cátia Rosas
Abílio Pacheco Rodrigues
Ana Carla
Orlando Barros Gaspar
Sandra Fortuna
Francisco Martins
Clara Magda
Ricardo Arantes
Maria Infância
José Pedro Machado
José Carlos Nascimento
Nazaré Fernandes
Vitor Manuel Pinho
Júlia Rodrigues
Luis Figueiredo
Paula Cristina Duarte

José Vidal
Carla Batista
Rui Martins
Sandra Marisa Pinto
Rogério Veiros
Ana Luisa Monteiro
Carlos Pires
Filipa Laborinho
José Manuel Custódio
Maria da Graça
Carlos Pereira
Sofia Dias
Marques Pereira
Clara Maria Silva
António Luis Lopes
Érica Vanessa
Ana Delgado
João Pintassilgo
Ana Isabel Alves Dias
Pedro Lara
Sandra Cardoso
Paulo Sérgio Barbosa
Lurdes Ferreira
Rui Pedro Terroso
Catarina Fonseca
João Quintino
Manuela Lima
Raul Martins
Sandra Azevedo
Ângelo Marques
Claudia Baptista
Raúl Silva
Maria José Lavrado
Artur Cortês Santos
Helena Sobral
Luís Alves
Catarina Ribeiro
Jesus Vidinha
Elizabete Cavaleiro
Luís Gestas
Vanda Lima
João Maia
Anabela Silva
Luís Chula
Maria Madalena Morgado
Jorge Madureira
Maria Cabral
João Fernandes
Claudia Cardoso
Sousa Pinto
Esmeralda Ramires
Nelson Correia
Liliana Machado Sousa
Duarte Carreira
Maria Teresa Almeida
José Ricardo
Ana Daniela
Henrique Ribeiro
Cristina Vasconcelos
Rui Henriques
Anabela Rodrigues
Paulo Coelho Vaz
Ilda Carneiro
Hugo Gaspar
Ilda Silva
Hernani Loureiro
Ana Malveiro Figueiredo

COMISSÃO NACIONAL DE JURISDIÇÃO ELEITA NO XX CONGRESSO NACIONAL

José Manuel Mesquita
Marcelino Pires
Cristina Bento
Vitor Pereira
Francisco Oliveira
Telma Correia
João Serrano
Ricardo Saldanha
Ana Maria Basto

Suplentes

António Reis
José Acácio
Paulino Barbosa
Célia Mendes Correia
Pedro Cabeça
Tiago Silva
Helena Domingues
Pedro Biscaia
Pedro Almeida

COMISSÃO NACIONAL DE FISC. ECONÓMICA E FINANCEIRA ELEITA NO XX CONGRESSO NACIONAL

Domingues Azevedo
Hugo Xambre
Ana Elisa da Silva da Costa Santos
Armindo Jacinto
Carlos Alberto Silva
Ana Cristina Fernandes Simões
Carlos Ferreira

Suplentes

Luís Catarino Costa
Josefina Maniés
Henrique Margarido
José Alexandre Silva Almeida
Margarida Lourenço
Álvaro Neves da Silva

DIRETORA DO ACÇÃO SOCIALISTA

EDITE ESTRELA

DIRETOR DO PORTUGAL SOCIALISTA

PEDRO DELGADO ALVES



DIRETAS

Partido unido e mais forte

"É obviamente com enorme orgulho que assumo as funções de secretário-geral, em que sou depositário de uma história do PS, que foi sempre decisivo para a defesa da liberdade, antes e depois do 25 de Abril, para a consolidação da democracia, para a construção do Estado de Direito, para a integração europeia, e para a afirmação do Estado Social em Portugal, com marcas notáveis como o Serviço Nacional de Saúde ou a generalização do ensino pré-escolar", declarou António Costa, na sede do PS, na sequência da divulgação dos resultados provisórios das eleições diretas.

O LÍDER do Partido Socialista homenageou deste modo, no seu primeiro discurso no cargo, todos os seus antecessores, de Mário Soares a António José Seguro, enalteceu história do partido e afirmou que os socialistas estão unidos. Perante uma sala cheia de militantes e dirigentes socialistas, o novo secretário-geral do PS, que é também presidente da Câmara Municipal de Lisboa, acrescentou: "Quero, por isso, prestar aqui homenagem a todos os meus

antecessores". Eleito secretário-geral do PS em eleições diretas realizadas entre 21 e 23 de novembro passado, António Costa referiu que o Congresso a realizar-se no fim-de-semana seguinte ia por fim a um "longo processo de construção de uma nova direção do PS". No início do seu discurso, agradeceu à presidente cessante do PS, Maria de Belém, a "forma exemplar como ao longo destes dois meses soube assegurar esta transição na dire-

ção do partido, a sua unidade e manter o partido ativo". Recorde-se que o anterior secretário-geral do PS, António José Seguro, demitiu-se na sequência das eleições primárias de 28 de setembro para escolher o candidato socialista a primeiro-ministro, nas quais foi derrotado por António Costa. Desde então, a presidente do PS assumiu as funções de secretária-geral em exercício. "Ao contrário do que muita gente vaticinou, o PS não saiu

das eleições primárias dividido, o PS saiu das eleições mais forte e está aqui unido, como estas eleições diretas bem o puderam demonstrar", considerou o novo secretário-geral dos socialistas. António Costa acrescentou que agora é tempo de o PS "assumir plenamente a sua função de maior partido da oposição e a sua responsabilidade de construção da alternativa política a este Governo e às suas políticas". "É essa a função do PS: cons-

truir a alternativa e responder àquela ansiedade que os portugueses têm de podermos afirmar a capacidade de substituir um Governo fracassou nos seus objetivos e que está esgotado nas soluções para o país", venceu. A finalizar a sua declaração, António Costa garantiu que o PS terá uma ação política "centrada na defesa da Constituição, na solidariedade entre gerações, na dignidade do trabalho e no reforço da confiança". ■ **M.R.**

ANTÓNIO COSTA ELEITO COM 96% DOS VOTOS

O CAMARADA António Costa foi eleito secretário-geral do PS com 24321 votos, correspondentes a 96%, nas eleições diretas realizadas em novembro em 583 estruturas. O presidente da Comissão Organizadora do Congresso do PS (COC) Joaquim Raposo confirmou estes resultados na sede nacional do partido.

Refira-se que o Partido Socialista tem aproximadamente 90 mil filiados, dos quais cerca de 47 mil tinham direito a votar neste ato eleitoral por estarem inscritos há doze meses e com quotas em dia até um mês antes do dia das eleições. Quanto aos delegados que foram eleitos nestas diretas, em simultâneo com o secretário-geral do

PS, a anterior presidente do PS, Maria de Belém Roseira, assinou que em 544 das 583 estruturas do partido houve lista única, o que considerou sintomático do "clima de união" interna. "Apenas em 42 destas estruturas houve duas listas, e em duas delas três listas. Portanto, penso que podemos estar muito satisfeitos e muito felizes por este

sentido de grande união que existe", frisou. Por sua vez, Joaquim Raposo assinalou que "não houve nenhum incidente" nas diretas e que recebeu "muito poucas, mas mesmo muito, muito poucas", reclamações, o que, considerou, "demonstra que o partido, além de coeso e unido, funciona bem". **M.R.**

TOTAIS NACIONAIS

VOTANTES **25367**
BRANCOS **701**
NULOS **345**

ANTÓNIO COSTA
24321

CONFERÊNCIA PARLAMENTAR
DA ALIANÇA PROGRESSISTA

Reforçar medidas de convergência e coesão

“Após um programa de ajustamento como aquele que vivemos em Portugal, e pelo qual estão a passar outros países da Zona Euro, o único caminho para um crescimento sustentável passa pelo reforço de medidas de convergência e de coesão”, defendeu o secretário-geral do PS, António Costa, na abertura da Conferência Parlamentar da Aliança Progressista realizada em Lisboa, a 4 e 5 de dezembro, ocasião em que sublinhou que “é nesta perspetiva que o investimento na educação e no emprego tem de ser analisado”. **MARY RODRIGUES**



FOTO: JORGE FERREIRA

AO DAR as boas-vindas aos mais de 120 participantes na conferência “Trabalho Decente e Educação – Investir na Igualdade de Oportunidades para Todos”, vindos dos cinco continentes, António Costa lembrou que estas “são duas áreas essenciais na ação política dos socialistas e sociais-democratas” e ainda “dois vetores fulcrais para combater a pobreza e as desigualdades”.

Segundo o líder do PS, “a crise económica que ainda estamos a viver e as lideranças políticas conservadoras e neoliberais que governam muitos dos nossos países com as suas teses da austeridade, da desregulação e do Estado mínimo, obrigam-nos a assumir a responsabilidade de dar um novo impulso ao combate secular dos socialistas e que hoje de novo se impõe com toda a atualidade: defender a dignidade do trabalho e a redução das desigualdades”.

Nesta ordem de ideias António Costa não quer que a contribuição que Portugal tem de fazer anualmente para o novo fundo europeu para o investimento estratégico, apresentado recentemente pelo presidente da Comissão Europeia, seja contabilizada no apuramento do défice.

O secretário-geral socialista considerou o novo plano “claramente um sinal político positi-

vo e um passo na direção certa”, mas apontou-lhe “falta de ambição” porque “é muito incerto no seu efeito multiplicador” e “insuficiente na injeção de fresh money”.

Depois, defendeu ser “indispensável, sem qualquer dúvida, garantir que os contributos dos Estados-membros para este plano europeu não sejam contabilizados para efeitos do apuramento do défice”.

O caso de países como Portugal é ainda mais complicado por causa do elevado nível de endividamento, estando por isso “bastante limitados na sua capacidade de contribuição e, portanto, também no acesso a estes investimentos”.

Ora, esse cenário é “inaceitável”, considerou António Costa, uma vez que são precisamente estas as economias “que mais necessitam do reforço de investimento”.

Assim, o líder do PS venceu ser preciso “romper o círculo vicioso de endividamento por falta de competitividade e de falta de competitividade por falta de investimento direcionado a reforçar a competitividade, a convergência e a coesão”.

E considerou que o conceito de reformas estruturais “está gasto e desvirtuado pelo abuso que a direita tem feito” dele e que se limitou a “reformas de desregulamentação do mercado de

trabalho e a privatizações”.

Em vez disso, assinalou, exigem-se reformas que “ataquem os reais bloqueios estruturais, que variam de país para país e que podem e devem ser identificados para, numa base contratual, poderem ser atacados com apoio do financiamento comunitário”.

Entre essas reformas está a da educação, precisamente um dos protagonistas desta conferência de dois dias da Aliança Progressista.

Tal como fizeram depois Enrique Guerrero, eurodeputado pelo PSOE, Sigmar Gabriel, presidente do SPD alemão, Sergei Stanishev, presidente do PS Europeu, e Pedro Sánchez, secretário-geral do PSOE, António Costa defendeu que a educação é um investimento na “igualdade de oportunidades, na luta por mais e melhor emprego” e, em sentido lato, na economia. Por isso, adiantou ter uma “agenda de mudança na educação” e na qualificação, que passa, por exemplo, por considerar o ensino secundário completo o patamar mínimo de qualificações, por garantir o acesso geral a todos os níveis de educação desde o pré-escolar, ou por retomar os programas de educação de adultos.

Reinventar o mundo

No encerramento dos trabalhos

o eurodeputado e presidente da Delegação dos Socialistas Portugueses no Parlamento Europeu, Carlos Zorrinho, advogou a necessidade de “agir para transformar a sociedade que existe e não refugiar-nos em soluções teóricas que só seriam aplicáveis a uma sociedade ideal”.

“Estamos perante um desafio civilizacional”, sublinhou Zorrinho, lembrando que de Lisboa partiram os navios que induziram a primeira globalização.

“Desenhámos depois a segunda globalização (Estratégia de Lisboa), mas esta segunda perdeu o rumo” porque, argumentou, “deixou de ter as pessoas no centro”.

Para Carlos Zorrinho, a tarefa agora é “simples”.

“Só precisamos de reinventar o mundo. Criar uma terceira globalização em que ter energia limpa, direitos de identidade e modelo social não sejam handicaps competitivos”, sustentou. De seguida, recordou a importância de que se revestem as questões do clima.

“Para nós, socialistas, o pacote do clima não serve apenas para salvar o planeta. Serve também para mudar o modelo energético, económico e social”, disse, concluindo que “para retomar o caminho da sustentabilidade é urgente ter a educação como suporte. ■

“A educação é a única política social com maior impacto sobre as possibilidades futuras individuais e coletivas. As únicas que têm um caráter preventivo: se se proporcionarem para todos por igual e de igual qualidade”

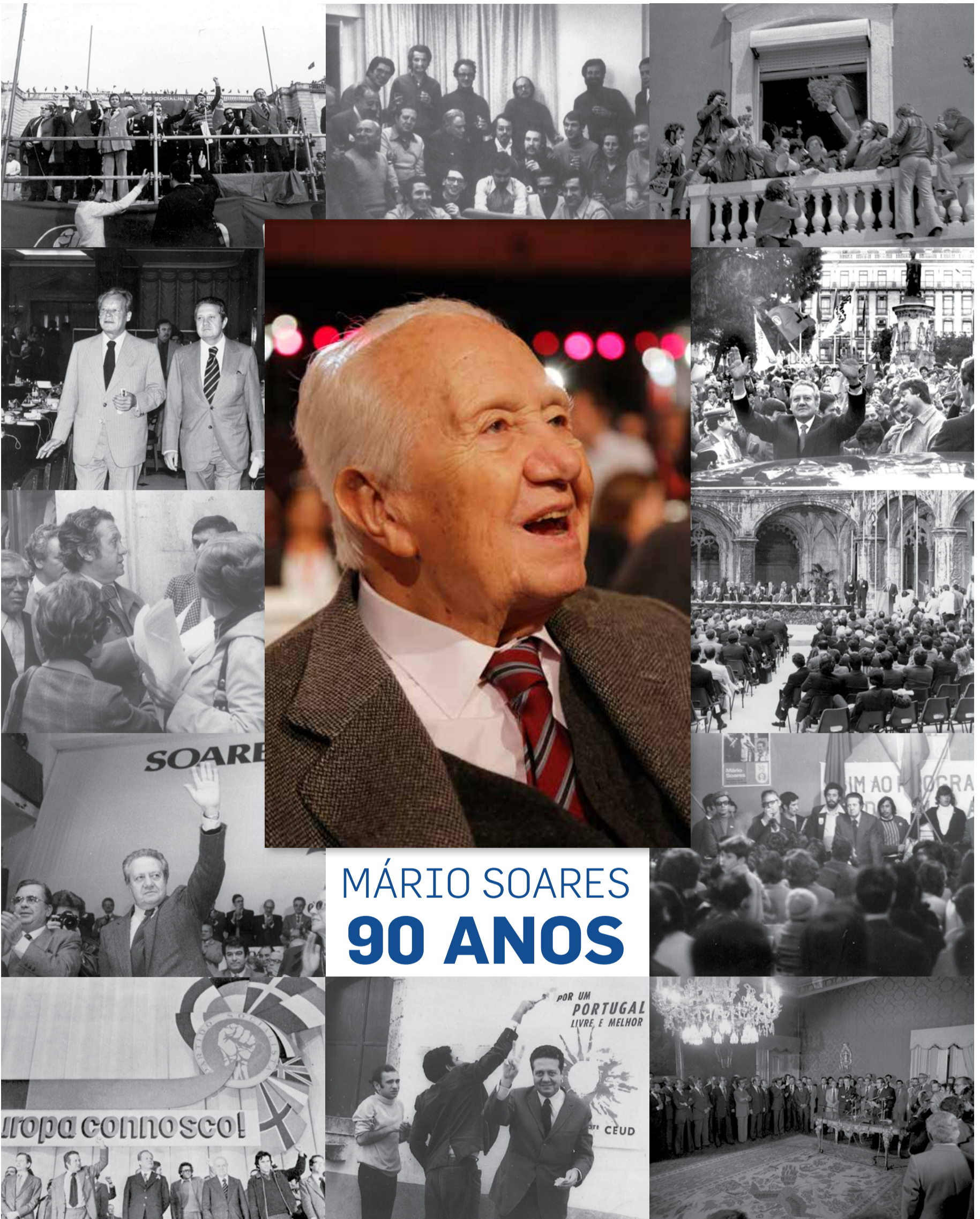
Enrique Guerrero

Eurodeputado, vice-presidente do Grupo S&D no Parlamento Europeu, PSOE, Espanha

“A educação é a questão-chave para promover uma maior justiça social e para a autodeterminação das pessoas”

Sigmar Gabriel

Deputado, Presidente do SPD, Alemanha



MÁRIO SOARES 90 ANOS

FOTOS: ARQUIVO «AS» / JORGE FERREIRA



DIRETORA Edite Estrela // **REDAÇÃO** J.C. Castelo Branco, Mary Rodrigues, Rui Solano de Almeida // **LAYOUT, PAGINAÇÃO E EDIÇÃO INTERNET** Gabinete de Comunicação do Partido Socialista - Francisco Sandoval // **REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E EXPEDIÇÃO** Partido Socialista, Largo do Rato 2, 1269-143 Lisboa; Telefone 21 382 20 00; Fax 21 382 20 33 // accasocialista@ps.pt // **DEPÓSITO LEGAL** 21339/88 // **ISSN** 0871-102X // **IMPRESSÃO** Grafedisport - Impressão e Artes Gráficas, SA

Os artigos de opinião são da inteira responsabilidade dos autores. O "Acção Socialista" já adotou as normas do novo Acordo Ortográfico.

Este jornal é impresso em papel cuja produção respeita a norma ambiental ISO 14001 e é 100% reciclável. Depois de o ler colabore com o Ambiente, reciclando-o.

